



REDE MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO CONCELHO DE PALMELA

VALORES

Dossier temático dirigido às Escolas



Novembro 2010



Se a criança não receber a devida atenção, em geral, quando adulta, tem dificuldade de amar seus semelhantes.", Dalai Lama.

Os valores não devem ser encarados como algo abstrato ou estanque, nem como um código de conduta imposto de fora para dentro. A educação em valores na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos e conscientizá-los da importância das suas escolhas. Assim, a educação consolida os valores e virtudes já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos.

(MARTINELLI, 1999, p.21)



ÍNDICE

As crianças aprendem aquilo que vivem	p. 4
Ensinar as crianças a brincar aprendendo valores e bons hábitos	p. 5
Os hábitos familiares e a transmissão dos valores	p. 9
Valores na família	p. 12
O conto na vida da criança	p. 15
Valores	p. 17
Crise dos valores tradicionais	p. 18
O que são os valores	p. 20
Pertinência de valores	p. 24
Devem as escolas ensinar valores éticos e sociais? Ou isso é território da família	p. 26
A questão dos valores em sala de aula	p. 27
O poder dos contos infantis	p. 42
Dicionário de valores	p. 44
Sites interessantes	p. 56
Bibliografia sobre o tema disponível na Rede Municipal de Bibliotecas	p. 57



AS CRIANÇAS APRENDEM AQUILO QUE VIVEM

Se uma criança vive criticada,
aprende a condenar.

Se uma criança vive com maus tratos,
aprende a brigar.

Se uma criança vive humilhada,
aprende a sentir-se culpada.

Se uma criança é estimulada,
aprende a confiar.

Se uma criança é valorizada,
aprende a valorizar.

Se uma criança vive no equilíbrio,
aprende a ser justa.

Se uma criança vive em segurança,
aprende a ter fé.

Se uma criança é bem aceite,
aprende a respeitar.

Se uma criança vive na amizade,
aprende a encontrar o amor no mundo.

Autora: Dorothy Law Nolte, no livro «Crianças Aprendem O Que Vivem: Como Inculcar Valores Aos Seus Filhos»

In: www.junior.te.pt/servlets/Gerais?P=Pais&ID=720



ENSINAR AS CRIANÇAS A BRINCAR APRENDENDO VALORES E BONS HÁBITOS

Enviado por Domingo, Maio 16 @ 14:34:40 CEST por [Amaral](#)

Em «Vamos Jogar!», o pediatra Eduard Estivill e a escritora Yolanda Sáenz de Tejada ajudam-no a fazer dos filhos «melhores pessoas». No livro, agora publicado em Portugal, divulgam-se actividades didácticas entre pais e filhos para ensinar valores e bons hábitos às crianças. Leia, a seguir, a entrevista concedida a um jornal português.

Eduard Estivill e Yolanda Tejada assinam uma obra à qual emprestam distintas sensibilidades e largas doses de bom senso. Publicamos, a seguir, a entrevista publicada no DESTAK.

- Os filhos de hoje têm piores hábitos que os do passado? E os pais?

Eduard Estivill: O ritmo de vida actual, a entrada da mulher no mundo laboral e a diminuição do número de irmãos por família condicionaram a superprotecção dos filhos, sobretudo nos hábitos essenciais: sono, alimentação, higiene, comunicação. Os pais do passado não eram melhores que os de hoje, que simplesmente têm menos tempo, mas preocupavam-se mais com a educação.

- No prefácio diz ter esperança de «aproximar as crianças dos adultos ou ao contrário». Os adultos não devem perder a capacidade de sonhar?

Yolanda Tejada: Que não percamos a capacidade de surpresa, que voltemos a ter a ilusão por pequenas coisas, que voltemos a jogar e a rir muito. Uma criança ri mais 80% que um adulto.

- As crianças só aprendem jogando?

Eduard Estivill: A educação é um conjunto de hábitos e normas sociais necessários à vida em sociedade. Educar as crianças é ensinar estas normas que depois farão com



que a criança seja aceite na sociedade e se sinta mais segura de si mesma e mais feliz. O jogo é só um veículo para repetir as normas que queremos inculcar, de uma forma mais divertida, tanto para a criança como para os pais.

- A coerência e a paciência são os pilares da educação, mas são difíceis de manter...

Eduard Estivill: Totalmente certo. É difícil manter a paciência e a coerência. Por isso recomendamos jogos para alcançar estes objectivos. Estes jogos foram testados por pais, pedagogos, educadores e professores. Isso justifica os 80 mil exemplares do livro vendidos em Espanha e a edição do livro em Itália, Brasil e Portugal.

- Como se deve contornar a falta de tempo dos pais?

Eduard Estivill: Entendendo que o importante não é a quantidade mas sim a qualidade. É muito melhor brincar com a criança durante meia hora antes do jantar do que duas horas a ver televisão depois de jantar.

- Qual é o hábito - comunicação, leitura, sono, comida, conduta, higiene - que falta mais às crianças actuais?

Yolanda Tejada: Não depende das crianças mas sim dos adultos. Para cada adulto a importância de cada hábito não é igual. Se para mim não for importante que o meu filho coma verduras, não sentirei a falta desse hábito. Mas o hábito que mais descuidamos, regra geral, é o da comunicação.

Sobre o livro.

O objectivo do livro «Vamos Jogar!» é «fornecer uma série de conceitos, apresentados na forma de jogos, para que os pais possam inculcar melhores hábitos nos seus filhos», explica no prólogo da obra, o co-autor Eduard Estivill.

Nesta aventura pedagógica, editada em Portugal pela Livros d'Hoje, o pediatra e neurofisiologista espanhol contou com a experiência maternal da criativa e escritora Yolanda Sáenz de Tejada, ligada a projectos de investigação sobre comportamentos



infantis.

Juntos, partindo de conceitos científicos comprovados, apresentam uma série de «actividades fáceis de executar e que são particularmente válidas do ponto de vista educativo». Isto tendo por premissa «a facilidade das crianças em captar ensinamentos e copiar os padrões de conduta dos adultos». É que os petizes não nascem ensinados e cabe aos progenitores apontar as direcções a seguir no sentido de aprenderem a «movimentar-se pela vida com segurança e responsabilidade».

A transmissão de valores, o processo de habituação através da repetição e do bom exemplo (neste ponto é imperiosa a coerência entre a teoria e prática) e até o seu grau de estoicismo, nunca desistindo perante as contrariedades (leia-se berrarias, lágrimas ou ataques de nervos), são absolutamente fundamentais nesta fórmula para se obterem bons resultados.

Ingredientes base

Na receita proposta em «Vamos Jogar!» a Emoção e a Planificação têm o mesmo grau de importância. A dupla sugere que os pais devem recuperar a alegria de quando eram pequenos, sendo cada jogo acompanhado de amor e do sorriso que «tantas vezes tendemos a esquecer». Já em termos de Planificação, «se criarmos expectativas, será mais fácil que as crianças desfrutem», como quem tem um objectivo em mente e sente a inerente satisfação quando consegue realizá-lo.

Neste moroso processo é certo e sabido que «não somos infalíveis». «Os pais que se equivocam são mais humanos. Se assumirmos que não sabemos algo, mas que vamos tentar encontrar a resposta, o nosso filho pensará que tudo tem uma solução. Os nossos enganos, se os admitirmos, aproximar-nos-ão mais deles», afiançam Eduard Estivill e Yolanda Sáenz de Tejada.

Mais, «para ensinar é preciso ouvir» e rever a nossa infância e a tradicional sensação de incompreensão dessa fase etária será útil nesse processo de identificação com a nossa prole. Por fim, os autores recomendam «o amor louco», pois que «um pouco de carinho nunca é de mais e não há que ter quaisquer pudores em demonstrá-lo publicamente.



Bons hábitos

Ao longo de 277 páginas aprendemos que esse acto essencial na vida das crianças que é o Jogo é possível de ser explorado no sentido educativo e meramente recreativo. Na lista de jogos há a promessa da aquisição de bons hábitos na Comida, de Conduta, de Higiene, de Comunicação, de Estudo, de Leitura e de Sono.

O mesmo será dizer que, em jeito de brincadeira, se aprende a pôr a mesa, a comer o pequeno-almoço sozinho, a ser pontual às refeições, a não ter ciúmes, a ser altruísta, a valorizar a prática desportiva, a tomar banho sozinho, a gerir o tempo, a escolher a roupa para vestir, a perder o medo do médico, a não ter vergonha, a dar valor à família, a gostar de estudar, a treinar a memória, a explorar o talento artístico ou a adormecer sozinho. Tudo porque, como disse um dia Allan Bloom, «a educação é o movimento da obscuridade em direcção à luz».

Vera Valadas Ferreira | DESTAK

19 | 04 | 2010

In: www.fersap.pt/fersap/modules.php?name=News&file=article&sid=844



OS HÁBITOS FAMILIARES E A TRANSMISSÃO DOS VALORES

Justiça, igualdade, tolerância... São palavras que cada dia mais se escutam nas escolas. A “Educação nos Valores” já está presente no curriculum escolar, mas isso não é suficiente. Ficar no nível teórico não serve de nada. E, na prática, esquecemos frequentemente que palavras tão grandiosas como “Empatia” ou “Respeito” se traduzem em premissas tão singelas como “não atirar papéis para o chão”, “ceder o assento a quem mais o necessite” ou “abrir a porta a quem vai carregado”.

Que a “Educação nos Valores” tenha chegado às escolas é um passo que realmente devemos celebrar: Saber ser pessoa, é mais importante, do que saber resolver integrais ou saber em que ano começou a Revolução Francesa. Entretanto, enquanto que a instrução e formação intelectual é um objectivo a conseguir primordialmente através da escola, a educação e desenvolvimento pessoal é-o através da família.

Nunca devemos esquecer que o lar é o autêntico formador de pessoas. As crianças aprendem continuamente através dos seus pais, não só o que estes lhes contam, mas também, sobretudo, pelo que vêem neles, como actuam, como respondem perante os problemas. Em definitivo, as crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. A autêntica educação nos valores transmite-se, passa dos pais para os seus filhos desde o dia do nascimento até ao final da vida. Não obstante, tem uma importância relevante durante os primeiros anos. Até aos seis ou sete anos de idade as crianças possuem uma moral denominada “heterónima”, ou seja, a sua motivação para fazer as coisas de uma maneira ou de outra é corresponder ao que o papá e a mamã desejariam: o que dizem os pais são “verdades absolutas”. Conforme crescem vão compreendendo melhor por que é importante actuar de certa forma e não de outras, mas seguem, sempre, guiando-se pelo que vêem em casa, especialmente até aos doze anos. Daí a tremenda importância de educar as crianças através do exemplo, para desenvolver uma educação cívica.



Faz o que eu faço

Todos temos na mente uma ideia de como gostaríamos que fosse a sociedade, em que mundo queremos que vivam os nossos filhos: um sitio limpo, em que as pessoas se ajudem e respeitem, onde todos tenhamos os mesmos direitos... Depois saímos à rua pensando no trabalho, nas compras, na ortodontia do menino e esquecemo-nos de todos esses bons propósitos. De repente, queremos ser os primeiros a sair do metro, incomoda-nos o carro que torna lenta a circulação, esquecemo-nos de dar os bons dias ao porteiro... e assim, dia após dia, diante o olhar sempre atento das crianças, que, já se sabe, absorvem tudo como esponjas.

Já comentámos que, até os doze anos aproximadamente, o lar é a principal fonte de valores, direitos e deveres da criança. Agora também terá que se dizer que há coisas que dificilmente se aprendem mais tarde. Se em pequenos não nos acostumamos a guardar o pacote no bolso quando não há um cesto de papéis à mão, a não pôr a música muito alta para não incomodar o vizinho, a dizer obrigado quando nos fazem um favor ou a não insultar os que são diferentes, será mais complicado aprendê-lo mais tarde. Porque o civismo, o respeito, a honestidade e todos os valores humanos são em grande medida hábitos, rotinas que aprendemos em família, de forma inconsciente, e que mais adiante chegamos a valorizar com a reflexão que permite a maturidade.

Por isso, a melhor forma de transmitir valores, de aprender a viver em sociedade, é não aplicar jamais a tão popular frase de “faz o que eu digo e não o que eu faço”. Se quisermos que nossos filhos alcancem essa sociedade tão sonhada devemos começar por criá-la nós mesmos e “fazer o que dizemos”.

Que “hábitos-valores” fomentar?

Decerto que vocês mesmos têm a resposta. Só têm que pensar que tipo de pessoas gostariam que fossem os vossos filhos e actuar em consequência. Como vimos, a coerência entre as ideias que querem transmitir e a forma como se actua em casa é a chave principal.

A maioria das pessoas considera como nobres os mesmos tipos de valores. Entretanto, às vezes é difícil reconhecer em nós mesmo onde encaixa a conexão entre “crenças” e “forma de ser”. Estes conselhos podem ajudar a reflectir sobre isso:



Se quiserem que o vosso filho seja uma pessoa razoável, raciocinem com ele desde o primeiro dia. Não utilizem o “porque eu digo”. Logicamente haverá muitas ocasiões em que tenham que lhe ordenar as coisas, mas sempre podem argumentar o motivo.

O respeito onde primeiro se observa é entre os pais. As decisões no casal devem ser sempre compartilhadas. Se discutem, façam-no de forma tranquila, sem recriminar. Saber viver em sociedade é saber aceitar as opiniões distintas.

Onde mais se fomentam os estereótipos é no lar. Pensaram alguma vez em coisas como quem limpa a casa?, quem troca as lâmpadas?, etc. Tratem de compartilhar entre vós os distintos papéis.

Se se preocuparem com as influências externas pensem que têm uma arma muito importante ao vosso alcance: os vossos comentários. Falem com o vosso filho sobre a opinião que merecem as atuações dos outros (tanto no positivo como no negativo). Isto é importante, sobretudo, contra a influência da televisão.

Compreender ajuda a aprender

Os valores transmitem-se através do exemplo, mas assentam com força, graças à compreensão de que são necessários. Como podemos ajudar uma criança pequena a perceber esta importância? Uma boa maneira é aplicar a fórmula de “faz pelos outros o que gostarias que fizessem por ti, e não lhes faças o que não gostarias que te fizessem”. Por outras palavras, colocar as crianças na hipótese de serem eles os protagonistas de certas atitudes. É muito mais eficaz para que o vosso filho a entenda, dizer-lhe: “Gostarias que se rissem de ti porque usas óculos? como te sentirias?”, do que lhe dizer simplesmente: “Não deves rir do João por ter aparelho nos dentes”.

(Esther García Schmah, Pedagoga, www.solohijos.com, www.mujernueva.org)

In: <http://familia.aaldeia.net/os-habitos-familiares-e-a-transmissao-dos-valores/>



VALORES NA FAMÍLIA

Quando os valores prioritários são os valores ou bens materiais, como ocorre em amplos sectores da sociedade actual, ou quando os valores se confundem com os desejos ou as apetências de um ser humano, como também acontece, a descoberta de verdadeiros valores humanos tem uma grande importância para a motivação da vontade humana. Porquê? Porque a motivação humana remete sempre para valores humanos verdadeiros, materiais e espirituais – sempre que os primeiros sirvam os segundos e não ao contrário.

A descoberta e valores corresponde aos imateriais, aos do espírito, aos que fazem referência à verdade (valores intelectuais), ao bem (valores morais) e à beleza (valores estéticos). São três tipos de valores estreitamente relacionados entre si, porque verdade, bem e beleza são os termos inseparáveis de um trinómio. (Se alguém tentasse separá-los, encontrar-se-ia com uma verdade má e feia, com um bem feio e falso, com uma beleza falsa e má).

Como descobrir estes valores? Cada qual deve tomar a iniciativa de os procurar porque lhe são muito importantes: são os elementos que aperfeiçoam o próprio ser; mediante eles, um indivíduo pode acabar por ser, chegar a ser aquilo que é: pessoa ser mais e melhor pessoa.

Mas nem sempre que se procuram, se encontram. Também é verdade que às vezes, emergem de repente no nosso horizonte existencial, inclusivamente apesar da nossa resistência (...). Um dia qualquer, uma vida rotineira, e talvez sem relevo, pode sentir-se sacudida – e até invadida – pela descoberta de um novo valor que a transforma (Polaino e Carreño, 1992, p. 75).

Há algum âmbito onde a descoberta de valores seja menos difícil ou mais provável? Em primeiro lugar, o âmbito vital da família. Se os pais optaram por certos valores e se comprometeram com eles, cada filho que vem ao mundo não tem de desenvolver a tarefa hercúlea e problemática de tratar de descobrir por que valores vale a pena arriscar a vida (ibidem).



Nem sempre acontece assim. Optar por certos valores significa escolher, entre os melhores, aqueles que mais convenham, numa família concreta com as suas circunstâncias actuais, para o desenvolvimento pessoal de cada membro e para a melhoria familiar. Logicamente, serão prioritários os valores humanos mais cultivados por ambos os cônjuges.

Comprometer-se com uns valores e organizar a vida familiar em função deles supõe tê-los interiorizado profundamente. Só assim serão capazes de os pôr de moda na sua família, sendo eles próprios, para os seus filhos, portadores de valores.

Esses valores, vividos pelos pais, com naturalidade e com graça, com bom humor, sabendo sorrir habitualmente, serão atractivos para os filhos e contagiosos. A família, sob esta perspectiva, aparece-nos como um museu vivo de valores. E não porque os pais pendurem os valores nas paredes, como se se tratasse de um quadro que, passivamente, se deve admirar. Os valores familiares constituem, pelo contrário, um dado irrefutável, quase com cunho testemunhal, que vai unido ao comportamento diário dos pais (ibidem, p. 76). E também estarão presentes estes valores na conduta dos filhos, quando os pais, além de os viverem e de os fomentarem, promovem e mantêm vigentes algumas normas e costumes familiares que mostram a presença viva destes valores preferenciais.

Os valores familiares – em famílias cristãs não são só valores naturais, mas também valores sobrenaturais – nenhuma criança inicialmente os questiona. Mais tarde sim, porque, na medida em que cresce, emerge e amadurece a sua liberdade pessoal, há-de comprometer-se também nas escolhas que faz e que, obviamente, são sempre muito pessoais(...). Precisamente, por isso, os pais têm de preparar essa fase de referência – através do seu comportamento – que lhe sirva de orientação (ibidem).

Isto será tanto menos difícil para os pais quanto mais cedo façam da sua família um museu vivo de valores, quando os filhos são ainda muito pequenos.

Será menos difícil também a sua adolescência, quando o quadro de referência e um mínimo de normas e costumes tenham sido parte importante do seu ambiente familiar acolhedor desde a primeira infância.



Deste modo, quando o filho adolescente ou o filho jovem dá prioridade a alguns valores como fundamento para apoiar a sua vida, tem já, como em depósito, uns valores que anteriormente assumiu e integrou, quase sem dar por isso, contagiados ou emprestados pelos seus pais.

Estes valores familiares descobertos na convivência do lar paterno, nas relações diárias de pais e filhos, de irmãos de diferentes idades, traduzem-se - como efeito de descoberta - em motivos. Em consequência, a conduta de cada filho estará motivada desde o princípio, a sua vontade estará motivada.

Penso, por contraste, em tantos filhos desmotivados antes e durante a sua adolescência, quando os primeiros responsáveis da família não se propuseram ou não souberam criar este ambiente familiar cimentado na sinceridade, na generosidade, na lealdade, na laboriosidade, no optimismo, na compreensão exigente, no respeito confiado, na disponibilidade, na gratidão, na amizade e noutros valores humanos.

Oliveros Otero

In: <http://familia.aaldeia.net/valores-na-familia/>



O CONTO NA VIDA DA CRIANÇA

A maioria das histórias, desde os tradicionais contos de fadas a histórias mais "refinadas", como "A Menina do Mar", mostra de uma forma simbólica alguns dos limites e das regras de convivência e relacionamento com os outros.

Perde-se no tempo a origem e importância do conto na educação da criança. Quantas vezes, pais e educadores, a braços com a explicação de algo mais complexo aos nossos filhos, nos socorremos de uma história que simplifique a nossa tarefa, por um lado, e, por outro, facilite a compreensão por parte da criança daquilo que verdadeiramente lhe queremos transmitir.

Passar valores à criança é algo complexo. Esta missão implica normalmente conceitos que fazem apelo a abstrações, competências impossíveis de usar pela criança nas etapas mais precoces do desenvolvimento. As histórias são, por isso, um meio facilitador de resolver algumas das questões que esta tarefa nos coloca. Se, por um lado, divertem as crianças, espicaçam a sua curiosidade, promovem competências cognitivas e de oralidade, activam a magia, por outro são também a forma de concretizarmos alguns dos valores que consideramos aceitáveis e oportunos transmitir à criança.

De cada história, cada criança retirará aquilo que lhe fizer mais sentido, em função das suas vivências e das suas características desenvolvimentais. Com a mesma história podemos transmitir um sem-número de ensinamentos; isso depende, em primeira instância, do objectivo de quem a usa e da própria criança.

A maioria das histórias, desde os tradicionais contos de fadas a histórias mais "refinadas", como a "Menina do Mar", mostra de uma forma simbólica alguns dos limites e das regras de convivência e relacionamento com os outros.

"A Menina do Mar" é uma história porventura difícil de entender antes da idade escolar. Para além da beleza literária, pode permitir-nos transmitir valores ecológicos, respeito pela Natureza, nomeadamente pelas coisas do mar, curiosidade na descoberta e contemplação do mar e do que ele contém. Além disso, e voltando a um dos valores



inerentes a quase todas as histórias - a relação com os outros - "A Menina do Mar" proporciona uma excelente oportunidade de ensinar a criança a respeitar e a aceitar as diferenças e ainda a importância de fazer amigos.

Nas histórias, tal como na vida, por vezes também há situações desconcertantes e ainda bem que as histórias contemplam estas situações. São uma ótima oportunidade para a criança se organizar e aprender a lidar com os medos, os obstáculos e frustrações com que se irá confrontar ao longo da vida. É importante que o crescimento se faça, ainda que ao nível do imaginário e simbólico assente em valores reais.

In: *O conto na vida da criança*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-12-06]. Disponível na [www](http://www.infopedia.pt/$o-conto-na-vida-da-crianca): <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$o-conto-na-vida-da-crianca](http://www.infopedia.pt/$o-conto-na-vida-da-crianca)>.



VALORES

Os valores correspondem a maneiras de ser ou de agir reconhecidas como desejáveis. Genericamente, pode dizer-se que não é possível a existência de um grupo humano sem que tenham sido definidos, implícita ou explicitamente, os seus valores. A expressão escrita e oral, os símbolos, os objectos, são meios de que os indivíduos e os grupos dispõem para aceder aos valores.

Têm sido objecto de estudo em Sociologia questões como a do modo como evoluem os valores, o modo como os valores são vividos pelos indivíduos e pelos grupos e a possibilidade ou impossibilidade de se falar em sociedades globais.

No estrutural-funcionalismo de T. Parsons, os valores partilhados, interiorizados, são vistos como desempenhando um papel decisivo na integração social em qualquer sociedade. Os críticos deste ponto de vista defendem que a integração social não depende num grau tão absoluto da partilha de valores. Argumenta-se que os valores podem ser aceites por motivos pragmáticos mais do que normativos e que as estruturas sociais podem impor-se para além da interiorização dos valores. Sobretudo, a maioria dos sociólogos reconhece actualmente que uma sociedade pode existir mesmo que seja atravessada por divergências a nível dos valores.

Valores. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-12-06]. Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$valores>](http://www.infopedia.pt/$valores).



CRISE DOS VALORES TRADICIONAIS

Em pleno século XXI, quase toda a sociedade considera que existe uma crise de valores, ou pelo menos a falência dos tradicionais. Mas desde sempre esta consciência de crise de valores existiu, numa perspectiva geográfica mais restrita e sem as dimensões de generalização como sucede hoje. A globalização económica e o neoliberalismo, o individualismo e o relativismo, a par do progresso tecnológico, aceleraram a toma de consciência de crise de valores por parte da população. Por um lado esbateram-se ou já não existem mesmo critérios seguros para distinção do bem e do mal, do justo e do injusto, entre outras categorias morais e pessoais, imperando pois a subjectividade e o relativismo. Radicalmente, alguns vão mais longe e afirmam mesmo que já não existem sequer valores, tudo é circunstancial. O que era antes intemporal e inalterável, é agora volátil ou inconsistente, passando-se do relativismo à descrença niilista absoluta. As principais causas para a crise de valores são:

- a desvalorização da tradição, quer através do marxismo, que tudo subjeta à história e ao plano social, desvalorizando os valores antigos, da burguesia, dos opressores, que substitui pelos do povo trabalhador, quer através de Nietzsche e a sua negação dos valores absolutos, ou mesmo com Freud, que tornou os valores morais como produto de mecanismos mentais repressivos.
- a crise na instituição familiar, das suas relações, do próprio modelo de família, primeira fonte de transmissão de valores. O aumento de divórcios, separações, violência doméstica, pressões económicas e stress social das famílias podem prejudicar também a transmissão de valores seguros aos filhos.
- modificações de ordem material, nos aspectos tecnológico e científico, e as sucessivas mutações económicas podem conduzir ao distanciamento cada vez maior da sociedade moderna face aos valores tradicionais.
- menor peso dos bons costumes e da cultura popular na sociedade moderna, visível na descrença nos valores absolutos e na moral social, substituída pela moral autónoma e pelo relativismo.

A sociedade hoje em dia tornou-se mais aberta e plural, mais intercultural, assumindo melhor as diferenças, mas também tornando-se mais insegura, violenta, tendendo para a repressão e até para um individualismo egoísta e esvaziado de valores de relações



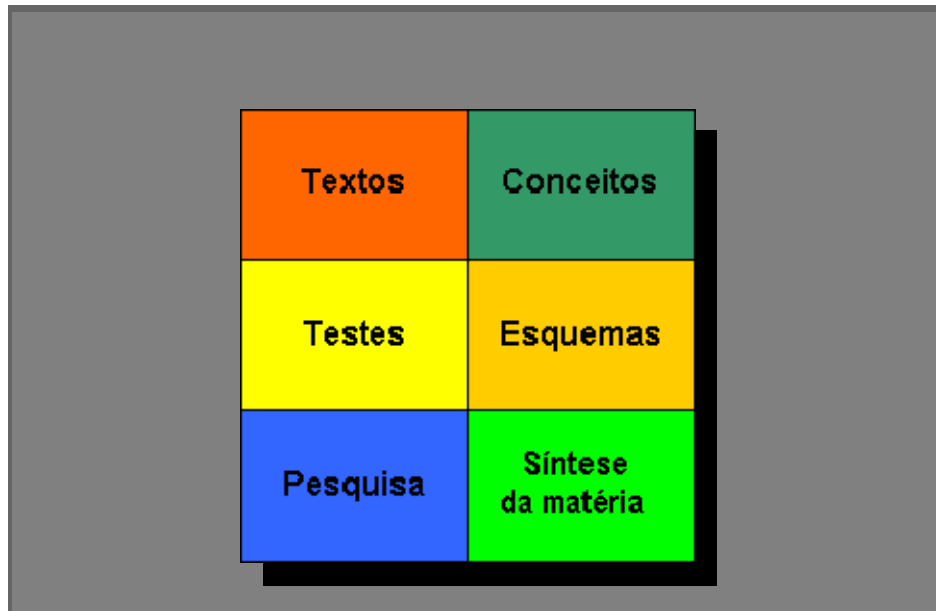
interpessoais. Para muitos analistas, não existe crise, antes abertura; para outros, a maior crise é a incapacidade humana de enfrentar o problema da crise de valores, pois subsiste a ideia de que nas democracias não há valores impessoais ou suprapessoais, parecendo que cada um escolhe os seus. Alguns autores sugerem que a crise não será apenas de valores mas também de referências estáveis e sólidas.

Crise dos Valores Tradicionais. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-12-06]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$crise-dos-valores-tradicionais](http://www.infopedia.pt/$crise-dos-valores-tradicionais)>.



O QUE SÃO VALORES?

O QUE DISTINGUE UM "FACTO" DE UM "VALOR"?



PESQUISA

O homem vive, toma partido, crê numa multiplicidade de valores, hierarquiza-os e dá assim sentido à sua existência mediante opções que ultrapassam incessantemente as fronteiras do seu conhecimento efectivo. No homem que pensa, esta questão só pode ser raciocinada, no sentido em que, para fazer a síntese entre aquilo que ele crê e aquilo que ele sabe, ele só pode utilizar uma reflexão, quer prolongando o saber, quer opondo-se a ele num esforço crítico para determinar as suas fronteiras actuais e legitimar a hierarquização dos valores que o ultrapassam. Esta síntese raciocinada entre as crenças, quaisquer que elas sejam, e as condições do saber, constitui aquilo que nós chamamos uma "sabedoria" e é este que nos parece ser o objecto da filosofia.

Jean Piaget, *Sageza e Ilusão da Filosofia*



SÍNTESE

1. Valores

1. Quando decidimos fazer algo, estamos a realizar uma escolha. Manifestamos certas preferências por umas coisas em vez de outras. Evocamos então certos motivos para justificar as nossas decisões.

2. Factos e valores

Todos estes motivos podem ser apoiados em factos, mas têm sempre implícitos certos valores que justificam ou legitimam as nossas preferências.

Exemplo: O dia 18 de Fevereiro de 2001 foi o dia mais importante da semana, era um domingo.

Facto: O dia 18 de Fevereiro de 2001 foi efectivamente um domingo.

Valor implícito: O domingo como o dia mais importante entre os dias da semana

3.Facto

Um **facto** é algo que algo que pode ser comprovado, sobre o qual podemos dizer que a afirmação é verdadeira ou falsa. Os factos são igualmente susceptíveis de gerarem consensos universais.

4. Valor

Podemos definir os **valores** partindo das várias dimensões em que usamos:

- a) os valores são critérios segundo os quais valorizamos ou desvalorizamos as coisas;



b) Os valores são as razões que justificam ou motivam as nossas acções, tornando-as preferíveis a outras.

Os valores reportam-se, em geral, sempre a acções, justificam-nas.

Exemplo: Participar numa manifestação a favor do povo timorense, pode significar que atribuímos à **Solidariedade** uma enorme importância. A solidariedade é neste caso o valor que justifica ou explica a nossa acção.

Ao contrário dos factos, os valores apenas implicam a adesão de grupos restritos. Nem todos possuímos os mesmos valores, nem valorizamos as coisas da mesma forma.

5. Tipos de valores

Os valores não são coisas nem simples ideias que adquirimos, mas conceitos que traduzem as nossas preferências. Existe uma enorme diversidade de valores, podemos agrupá-los quanto à sua natureza da seguinte forma:

Valores éticos: os que se referem às normas ou critérios de conduta que afectam todas as áreas da nossa actividade. Exemplos: Solidariedade, Honestidade, Verdade, Lealdade, Bondade, Altruísmo...

Valores estéticos: os valores de expressão. Exemplo: Harmonia, Belo, Feio, Sublime, Trágico.

Valores religiosos: os que dizem respeito à relação do homem com a transcendência. Exemplos: Sagrado, Pureza, Santidade, Perfeição.

Valores políticos: Justiça, Igualdade, Imparcialidade, Cidadania, Liberdade.

Valores vitais: Saúde, Força.

6. Hierarquização dos Valores

Não atribuímos a todos os nossos valores a mesma importância. Na hora de tomar uma decisão, cada um de nós, hierarquiza os valores de forma muito diversa. A



hierarquização é a propriedade que tem os valores de se subordinarem uns aos outros, isto é, de serem uns mais valiosos que outros. As razões porque o fazemos são múltiplas.

Exemplo:

A maioria da população mundial continua a passar graves carências alimentares. Todos os anos morrem milhões de pessoas por subnutrição. Não é de querer que hierarquia dos seus valores destas pessoas a satisfação das suas necessidades biológicas não esteja logo em primeiro lugar.

7. Polaridade dos Valores

Os nossos valores tendem a organizar-se em termos de oposições ou polaridades. Preferimos e opomos a Verdade à Mentira, a Justiça à Injustiça, o Bem ao Mal, a beleza à fealdade, a generosidade à mesquinhês. A palavra valor costuma apenas ser aplicada num sentido positivo. Embora o valor seja tudo aquilo sobre o qual recaia o acto de estima positiva ou negativamente. Valor é tanto o Bem, como o Mal, o Justo como Injusto..

Carlos Fontes

In: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10valores.htm>



PERTINÊNCIA DE VALORES

Durkheim considerava que os valores míticos e religiosos, que funcionaram como crenças nas sociedades tradicionais, serviram para exercer o controlo e a coesão sociais, e para inspirar as avaliações e as motivações das pessoas. É assim que, nas sociedades tradicionais de solidariedade mecânica, os indivíduos estão integrados por valores comuns, que se lhes impõem, garantindo a coesão social. Já nas sociedades modernas de solidariedade orgânica verifica-se, segundo Durkheim, uma erosão dos valores, graças ao aumento do individualismo e à desintegração das ligações sociais originadas pelo desenvolvimento da divisão do trabalho.

Parsons (1951), que consagrou a existência de quatro subsistemas interdependentes - cultural, político, económico, societal -, remete cada um deles para quatro tipos de valores. O subsistema cultural mantém os modelos valorizados da acção, o subsistema político assegura a função de realização das finalidades colectivas, o subsistema societal assegura a função de integração social dos indivíduos e o económico a função de adaptação (controlo, exploração e transformação do meio ambiente). São, portanto, os sistemas que asseguram a função de reprodução dos valores.

A questão da pertinência dos valores coloca a relação entre os valores (morais, religiosos, políticos, estéticos) e as culturas, na própria medida em que existem relações entre as formas de vida ou as visões do mundo e o quadro de valores que as orientam. Há uma multiplicidade de valores, variando estes conforme as sociedades e as culturas, e também conforme as épocas históricas; por isso se fala da relatividade histórica dos valores. Ora, a pluralidade dos valores é acompanhada também da existência de sistemas de valores relativamente abertos. Novos valores podem sempre vir a integrar um sistema (moral, político, cultural ou religioso), desde que seja assegurada uma coerência mínima entre os valores de um mesmo sistema. Com efeito, uma cultura de valores democráticos, por exemplo, é incompatível com o autoritarismo e o totalitarismo; como uma cultura que reconhece o valor da infância e os direitos da criança é incompatível com a exploração da criança.

Porém, sistemas de valores diferenciados podem coexistir numa mesma sociedade: valores de grupos políticos diferentes, de etnias diversas, de comunidades religiosas diferentes; valores hedonistas que se opõem aos valores do trabalho e da eficácia; os valores da poupança e do património em oposição ao consumismo desenfreado; os



valores do ser e da pessoa, em oposição aos valores do ter e do poder financeiro, etc. Esta diversidade de valores pode provocar conflitos, cuja resposta poderá implicar que uma hierarquia de pertinências seja estabelecida. Com efeito, existem conflitos de valores no seio da família (entre as gerações, por exemplo), nas empresas (entre a eficácia económica, o lucro, o melhoramento das condições de trabalho, o serviço à comunidade, etc.), ao nível das argumentações de valores num tribunal ou nos debates públicos sobre processos judiciais (o respeito devido às vítimas e o direito do culpado à sua defesa, por exemplo), conflitos entre o valor da família e a obrigação do trabalho (conflito que se põe, muitas vezes, às mães que trabalham fora de casa e têm filhos pequenos), etc.

Para além dos aspectos ligados à pluralidade dos valores, assistimos hoje, nas sociedades democráticas contemporâneas, a uma evolução dos sistemas de valores e a uma alteração da sua hierarquia de pertinência, expressas na importância crescente dos novos valores ligados à ecologia, à defesa do meio ambiente e ao novo conceito de desenvolvimento sustentado, dos valores da solidariedade, da cidadania e da tolerância que orientam hoje um novo tipo de acção colectiva (exercido em termos de voluntariado e/ou por Organizações Não-Governamentais (ONG), como os médicos sem fronteiras, as associações de protecção e defesa das crianças e das mulheres vítimas de maus tratos, as associações de defesa das minorias, do consumidor, de assistência aos doentes com sida, etc.) assim como se assiste a uma evolução dos valores ligados à mundialização que orientam instituições e convenções internacionais.

Pertinência de valores. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-12-07]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$pertinencia-de-valores](http://www.infopedia.pt/$pertinencia-de-valores)>.



DEVEM AS ESCOLAS ENSINAR VALORES ÉTICOS E SOCIAIS? OU ISSO É TERRITÓRIO DA FAMÍLIA?



Desde que há escola que existe um debate em torno da questão: quem deve ensinar os valores básicos? A escola ou a família? A resposta é simples: as duas. O problema é quando a família ou a escola se demitem de o fazer. Problema também quando os valores enfatizados pela família contradizem os valores escolares. Recentemente, foi publicado, na Grã Bretanha, o relatório "A Good Childhood". Conclusões do relatório: quer a família quer a escola estão a enfatizar valores que estimulam a egocentrismo, o egoísmo e a competição exagerada. É certo que há alguns projectos educativos que promovem o respeito pelos outros, o apreço pelas relações de cortesia, regras de etiqueta social, compaixão, responsabilidade e solidariedade. Mas esses projectos são excepções. A situação ideal seria a existência de uma boa articulação entre os valores da família e os valores da escola com as duas instituições a rumarem para o mesmo lado e os pais a reforçarem as atitudes e os valores dos professores. Errado é os pais entregarem os filhos à escola, demitirem-se dos seus papéis educativos e exigirem aos professores que façam milagres. Pior ainda é quando as políticas educativas desvalorizam o estatuto dos professores e fazem passar para a opinião pública que os docentes não são dignos de confiança.

Foto: Pintura de Salvador Dali

In: www.profblog.org/2009/03/devem-as-escolas-ensinar-valores-eticos.html



A QUESTÃO DOS VALORES EM SALA DE AULA



Adolfo S. Suárez

Professor de Psicologia e Metodologia do Ensino Religioso do curso de Teologia do Unasp

Centro Universitário Adventista,
Campus Engenheiro Coelho (SP)

adolfo.suarez@unasp.edu.br

Introdução

1. Definições, modelos e classificações de valores

1.1. Definições

1.2. Modelos de valores em sala de aula

1.2.1. Valores absolutos

1.2.2. Valores relativos

1.2.3. Construção racional e autônoma de valores

1.3. Classificação de valores

1.4. Conclusão parcial

2. Valores que devem ser ensinados

2.1. Algumas propostas de cunho não cristão

2.2. Algumas propostas de cunho cristão

2.3. Conclusão parcial

3. A transmissão de valores

3.1. Como se aprendem os valores?

3.2. Os níveis de instrução de valores

3.3. A idade e o ensino de valores

3.4. Conclusão parcial

Considerações finais

Referências bibliográficas



Resumo: Este trabalho discute brevemente os valores na sala de aula da Educação Básica, fundamentado numa prática pedagógica cristã.

Palavras-chave: valores, educação cristã, sala de aula.

The issue of values in the classroom

Abstract: This work shortly discusses the issue of values in a classroom of Elementary Education, based on a Christian pedagogical practice.

Keywords: values, christian education, classroom.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais freqüente o conceito de educação integral ou Educação Holística (YUS, 2002, p. 16). A Educação Integral ou Holística considera "todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos e espirituais inatos da natureza do ser humano" (Ibidem).

Ainda no entender de YUS, a educação integral possui oito características fundamentais: Considera a globalidade da pessoa, desenvolve a espiritualidade, promove as inter-relações, busca o equilíbrio, facilita a cooperação, pretende alcançar a inclusão, busca a experiência e deseja atingir a contextualização (2002, p. 21-25).

No entender de WHITE, "a verdadeira educação significa mais que um curso de estudo" e "inclui o desenvolvimento harmônico de todas as aptidões físicas e das faculdades mentais" (2000, p. 64).

Portanto, entendemos que educar não é apenas transmitir informação, desenvolvendo meramente a capacidade intelectual do indivíduo. O processo educacional é completo quando o estudante aprende a aprender, aprende a fazer, aprende a viver junto e aprende a ser (ASMANN e JUNG, 2000, p. 211).

Como educador, tenho notado que muitas escolas, pressionadas pelo concorrido vestibular, têm trabalhado pouco o aprender a ser, talvez porque isso não é "cobrado"



no vestibular, ou porque a maioria dos professores tem pouca habilidade para tratar desse quarto pilar da educação, preferindo apenas desempenhar o papel técnico de professores “conteudistas”.

Motivado por esse desafio, quero discutir brevemente neste ensaio a questão do ser, mais especificamente os valores em sala de aula. Creio que é um assunto oportuno porque no momento histórico em que vivemos, a Escola não pode se dar ao luxo de apenas transmitir informações. A Escola Cidadã da qual hoje tanto se fala, precisa formar cidadãos conscientes, activos, que ajam fundamentados em valores.

Esta é uma pesquisa bibliográfica e se compõe de três partes. A primeira parte ocupa-se com definições, modelos e classificação de valores. Depois faço uma rápida revisão da sugestão de alguns autores a respeito de quais valores devem ser ensinados. Finalmente, discorro sobre a transmissão de valores.

1. DEFINIÇÕES, MODELOS E CLASSIFICAÇÕES DE VALORES

1. 1. Definições

Valores são qualidades ou aspectos que ocupam a parte central da personalidade humana. Os valores são determinantes do comportamento do ser humano, tanto de sua conduta pública quanto de sua conduta particular (**BUXARRAIS, 1997, p. 82**). Ou seja, valores são qualidades abstractas em seu enunciado (verdade, por exemplo), independentes do sujeito (a verdade última está fora do ser humano, em Deus) e de carácter absoluto (existe verdade suprema, absoluta).

Quintana Cabanas (apud MARQUES) apresenta a seguinte definição:

Um valor é a qualidade abstracta e secundária de um objecto, estado ou situação que, ao satisfazer uma necessidade de um sujeito, suscita nele interesse ou aversão por essa qualidade. O valor radica no objecto, mas sem o interesse de um sujeito o objecto deixaria de ter valor. Os valores ideais são ideias consistentes e objectivas do mundo racional humano (**2001, p. 44**).



No que diz respeito à educação em valores, parafraseando Maria Rosa BUXARRAIS, pode-se afirmar que numa sociedade democrática como a nossa, educar em valores significa encontrar espaços para a reflexão individual e colectiva, a fim de que o aluno seja capaz de elaborar de forma racional e autónoma os princípios de valor, os quais lhe permitirão enfrentar criticamente a sociedade. Além do mais, a educação que promove valores aproxima os estudantes a condutas e hábitos coerentes com os princípios e normas que eles próprios tornaram seus, de maneira que as relações com o seu semelhante estejam orientadas por valores como a justiça, a solidariedade, o respeito e a cooperação.

Educar em valores consiste em criar as condições necessárias para que cada estudante descubra e faça sua livre escolha entre aqueles modelos que o conduzam à felicidade (1997, p. 79).

1.2. Modelos de valores em sala de aula

Há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e construção racional e autónoma de valores (BUXARRAIS, 1997, p. 84 a 86).

1.2.1. Valores absolutos

Este modelo se baseia numa visão de mundo que conta com um conjunto de valores e normas de carácter indiscutível e imutável. Os valores são colocados por uma autoridade e têm como objetivo regular todos os aspectos da vida pessoal e social dos indivíduos. Neste modelo, parte-se do princípio de que a pessoa se aperfeiçoa à medida que se aproxima da idéia ou imagem representada por um padrão previamente estabelecido. A transmissão de valores absolutos se faz através dos meios mais adequados a cada situação: instrução, convencimento, catequização ou imposição. O risco de assumir um modelo de valores absolutos é o uso da coerção, da força, para conseguir com que todos os estudantes cumpram com o que foi estabelecido a fim de que os valores adotados pela Escola sejam obedecidos.



1.2.2. Valores relativos

Neste modelo se entende que a adoção de valores é uma questão de preferência e está baseada em critérios puramente subjetivos, como: “pratico a verdade porque gosto da verdade”; “pratico a honestidade porque ela me faz bem”; “não minto porque acho feio mentir”. Os valores ou normas relativos tornam impossível dizer que esta ou aquela prática é melhor, porque esse “melhor” depende, é relativo: depende da circunstância pessoal, depende da preferência do momento, depende das oportunidades, etc.

A adoção de valores relativos dificulta a educação moral, porque se tudo é relativo, o que ensinar? O único que se ensinaria e aprenderia seria a habilidade de escolher, de tomar decisões; a Escola ensinaria a cada pessoa a escolher o que lhe convém no momento, pois a decisão será sempre individual, independente do que os outros possam pensar.

1.2.3. Construção racional e autônoma de valores

Baseado nas idéias de Lawrence Kohlberg e Jean Piaget, este modelo defende o trabalho da dimensão moral da pessoa, assim como o desenvolvimento de sua autonomia, sua racionalidade e o uso do diálogo como forma de construir princípios e normas. Trata-se da construção de princípios cognitivos e de conduta, os quais possam orientar os estudantes diante das diversas situações em que estão envolvidos os valores.

Teoricamente, este modelo repudia toda postura autoritária e heterônoma que determina o que é bom e o que é mau (valores absolutos). Também não aceita a postura que afirma serem os critérios subjetivos e estritamente pessoais os que definem a escolha dos valores (valores relativos). Para operacionalizar este modelo, deve-se oferecer a cada estudante os conhecimentos, procedimentos e atitudes que tornem possível a construção de critérios morais próprios, derivados da razão e do diálogo. Defende-se uma educação moral que leve em conta as conseqüências universais de determinados comportamentos; defende-se a valorização do bem e das virtudes públicas, especialmente a justiça, que atribui direitos de igualdade e liberdade para todos. Por isso, a construção racional e autônoma de valores preocupa-se em orientar os valores pessoais e coletivos, com a finalidade de encontrar valores comuns.



1.3. Classificação de valores

Max Scheler, filósofo alemão (apud SILVA, 1995, p. 59), classificou os valores da seguinte maneira, numa escala ascendente:

- (a) **Valores úteis:** adequados, inadequados, convenientes, inconvenientes, etc.
- (b) **Valores vitais:** forte e fraco, decadente, criativo, etc.
- (c) **Valores lógicos:** verdade, falsidade, demonstração, etc.
- (d) **Valores estéticos:** belo, sublime, gracioso, feio, etc.
- (e) **Valores éticos:** justo, injusto, misericordioso, etc.
- (f) **Valores religiosos:** sagrado, profano, etc.

De acordo com PATRÍCIO (1991), os valores podem ser classificados em:

- (a) **Valores práticos.** Referem-se aos valores úteis, utilitários, que proporcionam rentabilidade, que sejam proveitosos: fazer, fabricar, construir, produzir, criar.
- (b) **Valores hedônicos.** Como Hedon era o deus grego do prazer, esta designação é dada aos valores que se relacionam com o prazer/desprazer (agradável/desagradável, satisfação/insatisfação, saúde/doença, prazer/dor, alívio/sofrimento, etc.). Para Patrício há dois tipos de prazeres: Prazeres do corpo (essencialmente prazeres dos sentidos): visuais, auditivos, gustativos, olfativos, cenestésicos (prazeres orgânicos gerais), cinestésicos (movimento), da mesa, do sexo e decorrentes dos tóxicos; e prazeres espirituais: estéticos (desfrutar do belo), lógicos (desfrutar da verdade), éticos (desfrutar do bem) e religiosos (desfrutar do santificado).
- (c) **Valores lógicos.** São os valores da verdade, sendo o raciocínio lógico o mecanismo pelo qual se procura a verdade. A verdade é a qualidade daquilo que é autêntico, real, exato (verdade/mentira, autêntico/falso, real/ilusório, leal/desleal, exato/inexato, boa-fé/má-fé, etc.).
- (d) **Valores estéticos.** Tem a ver com o belo (belo/feio, estético/inestético).
- (e) **Valores éticos.** São os valores de natureza social: Leis e regras, consciência, autoridade, direitos civis, contrato, confiança e justiça, nas trocas, punição, o valor da vida, valores e direitos de propriedade, verdade, justiça, propriedade, relações pessoais, etc.
- (f) **Valores religiosos.** Fé/descrença, divino/humano, sagrado/profano.



1.4. Conclusão parcial

Nesta parte vimos que os valores são qualidades abstratas determinantes do comportamento do ser humano, tanto de sua conduta pública quanto de sua conduta particular.

Também vimos que há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e construção racional e autônoma de valores. Comentamos ainda que os valores podem ser classificados em valores úteis, vitais, lógicos, hedônicos, estéticos, éticos e religiosos.

A continuação, vamos focalizar nossa atenção em alguns valores que determinados educadores propõem como fundamentais para serem ensinados.

2. VALORES QUE DEVEM SER ENSINADOS

2.1. Algumas propostas de cunho não cristão

Se ensinar valores é importante, devemos descobrir quais valores devem ser ensinados. Em seu livro *Os Dez Mandamentos da Ética*, Gabriel CHALITA (2003a), atual Secretário de Estado da Educação de São Paulo, apresenta dez valores úteis para serem ensinados ou discutidos com as crianças, com as pessoas em geral. Esses valores, que CHALITA chama de mandamentos, são os seguintes:

- (a) **O bem.** A finalidade ou busca de toda atividade humana é (ou deveria ser) fazer o bem.
- (b) **A moderação.** A moderação é o modelo, guia para uma boa conduta ética. Moderação é o equilíbrio adequado entre razão e emoção, conhecimento e esperança.
- (c) **A boa escolha.** Escolher bem é importante, porque as escolhas revelam o nosso caráter.
- (d) **As virtudes.** Virtudes como contentamento (não ser escravo do dinheiro), equilíbrio entre pretensão e ambição; bom senso, sensibilidade, veracidade, bom humor e recato (sentimento de ter vergonha daquilo que é errado).
- (e) **A justiça.** A justiça é a excelência no viver público e privado.
- (f) **A razão.** Devemos aprender a ter um intelecto preciso e aguçado. Devemos amar a



ciência, o conhecimento, a técnica. Acima de tudo, devemos equilibrar a inteligência com a sabedoria.

(g) A emoção. Devemos conhecer e procurar entender as forças interiores que agem em nós, pois elas determinam grandemente nosso sucesso pessoal e profissional.

(h) A amizade. Ser amigo é uma qualidade de valor inestimável. A amizade deve ser motivada pela excelência moral, e não apenas porque ela nos proporcionará coisas úteis ou prazeres.

(i) O amor. Devemos cultivar o bom convívio, o companheirismo, o amor próprio (sem cair no narcisismo) e o amor pelos outros.

(j) A felicidade. A verdadeira felicidade está fundamentada no bem. Nunca seremos felizes fazendo o mal ao nosso semelhante. A felicidade é o prazer de estar bem com tudo e todos.

O próprio Gabriel CHALITA sugere a discussão de outros valores em seu livro *Pedagogia do Amor* (2003b). Resgatando clássicos da literatura universal, CHALITA diz que essas histórias universais podem contribuir para a formação de valores das novas gerações. A lista é a seguinte: amor, amizade, idealismo, coragem, esperança, trabalho, humildade, sabedoria, respeito e solidariedade.

Outra lista interessante é oferecida por Victoria CAMPOS (2003), professora de Filosofia Moral na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Ela apresenta os seguintes valores e temas daquilo que pais e professores devem ensinar às crianças da atualidade, considerando que os costumes, as idéias e os conteúdos da educação mudaram e precisam mudar, adaptando-se às novas realidades: Felicidade, bom humor, caráter, responsabilidade, dor, auto-estima, bons sentimentos, bom gosto, valentia, generosidade, amabilidade, respeito, gratidão, trabalho, mente crítica diante da TV, liberdade e obediência.

Ramiro MARQUES (2001), educador português, sugere a seguinte lista dentro da temática de valores: felicidade, virtude, tolerância, respeito, continência e temperança, coragem, generosidade e magnificência, gentileza e magnanimidade, bem-querença e harmonia, polidez, auto-domínio, prudência, inteligência e conhecimento científico, compreensão e sabedoria e emoções.



Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) volume 8 (2003), referente às quatro primeiras séries da Educação Fundamental, quando se fala de ética, o Ministério de Educação e Cultura lista quatro valores importantíssimos a serem ensinados e transmitidos em sala de aula: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Nilson José MACHADO (2000) afirma que seis itens devem constar em todo projeto que pretenda falar sobre valores, e eles são: cidadania, profissionalismo, tolerância, integridade, equilíbrio e personalidade.

2.2. Algumas propostas de cunho cristão

Tendo como base pressupostos bíblico-cristãos, Paul LEWIS (2001) sugere o ensino-aprendizado de 14 valores: honestidade, criticidade diante da TV, sexualidade, direito, família, dar valor às coisas, conhecer suas raízes, respeitar a privacidade, coragem, apreciar obras de arte, hábitos saudáveis, gostar de ler, união familiar e perspectiva de eternidade.

Num documento intitulado Currículo Para a Matéria de Ensino Religioso Para as Escolas Adventistas de 2º Grau, publicado pelo Instituto Adventista Para o Ensino Cristão, do Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, nas páginas 9 e 10, se sugerem mais de uma centena de valores como os mais importantes no ensino da Bíblia e na Educação Cristã em geral. Esses valores foram escritos no contexto do Ensino Médio da Educação Básica, mas eu creio que se aplicam à Educação Básica como um todo:

Aceitação	Descanso	Independência (ação)	Perdão
Adaptabilidade	Determinação	Independência (eleição)	Perfeição
Adoração	Devoção	Independência (pensamento)	Previsão
Administração	Devoção ao lar e à família	Individualidade	Propósito
Afeto	Dignidade	Influência	Pontualidade



Afirmção	Dignidade na escola	Ingenuidade	Pureza
Agradecimento	Diligência	Iniciativa	Racionalidade
Altruísmo	Direção	Inocência	Realização própria
Amizade	Disposição a atuar	Integridade	Recreação
Amor	Eficiência	Integridade moral	Retidão
Ânimo	Empatia	Interdependência	Religião
Abertura	Entusiasmo	Interesse	Respeito
Apreciação	Esperança	Justiça	Respeito próprio
Arrependimento	Espiritualidade	Laboriosidade	Responsabilidade
Auto-estima	Estabilidade	Liberalidade	Reverência
Auto-motivação para desenvolver a fé	Estilo de vida	Liberdade	Saúde
Autonomia	Família	Louvor	Santidade
Benevolência	Fé	Mansidão	Segurança
Bondade	Fé em Deus	Matrimonia	Sensibilidade
Caridade	Fidelidade	Mordomia	Sensibilidade ética
Carinho	Flexibilidade no juízo moral	Meditação	Sentido de comunidade
Cuidado	Formalidade	Mente aberta	Serviço
Compartilhar	Franqueza	Misericórdia	Simpatia
Compaixão	Generosidade	Missão	Sobriedade
Compreensão da verdade última	Gentileza	Modéstia	Solenidade
Consciência da herança	Genuinidade	Nobreza	Sufrimento
Consciência dos assuntos morais e religiosos	Gratidão	Obediência à lei	Tato
Confiabilidade	Gozo	Otimismo	Temperança



Confiança em Deus	Honestidade	Ordem	Ternura
Confiança própria	Honradez	Organização	Tolerância
Consideração	Hospitalidade	Paciência	Tranqüilidade
Contentamento	Humanidade	Participação	Humanidade
Cooperação	Humildade	Paternidade	Valorização pessoal
Cortesia	Humor	Patriotismo	Veracidade
Crescimento pessoal	Igualdade	Paz	Virtude
Cumprimento dos deveres	Imparcialidade	Percepção	Visão positiva

2.3. Conclusão parcial

Nesta segunda parte vimos dois tipos de propostas de valores a serem ensinados: os que se fundamentam em idéias não cristãs, e os que se baseiam em idéias claramente cristãs. Percebemos que ambos os tipos tencionam formar cidadãos responsáveis, cultivando características que lhes permitam conviver bem consigo mesmos e com a sociedade. A seguir, quero tratar da questão da transmissão de valores em sala de aula, um importante ofício para todo educador.

3. A TRANSMISSÃO DE VALORES

Ensinar ou transmitir valores é um desafio para as Escolas, considerando que vivemos numa época de valores relativos, numa época em que o realmente importa é a quantidade e agilidade das informações, e não necessariamente a ética e valores morais envolvidos em todo esse processo.

Creio, então, que ao entrarmos na questão da transmissão de valores, seria conveniente pensar em três perguntas: Como se aprendem os valores? Quais os níveis ao se instruir em valores? e, Qual a relação entre a idade e o ensino de valores?

3.1. Como se aprendem os valores?

Como é que as crianças e pessoas em geral captam o internalizam os valores que demonstram em sua prática cotidiana? Isso acontece pelo menos de quatro maneiras **(MARQUES, 2001, p. 44)**.



- (a) Aprendemos e assimilamos valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados.
- (b) Aprendemos e assimilamos valores pelo exemplo, ou seja, observando sua prática em pessoas que de alguma maneira nos causam impacto.
- (c) Aprendemos e assimilamos valores por recusa, numa espécie de reação contra os valores desprezíveis. Por exemplo, como desprezamos ou recusamos a desonestidade, assimilamos a honestidade.
- (d) Aprendemos e assimilamos valores pela razão e cognição, mediante processos lógicos e discursivos.

3.2. Os níveis de instrução de valores

O ensino-aprendizagem de valores normalmente envolve três níveis de instrução: (1) o factual, (2) o relacional e (3) o pessoal (**LEWIS, 2001, p. 127-128**).

O nível factual se processa mediante o constante acúmulo de informações na mente da criança. Por exemplo, se os pais ou professores desejam inculcar numa criança o valor da veracidade, continuamente lhe falarão a respeito dela, lhe contarão histórias para exemplificá-la, etc.

Mas falar sobre veracidade nem sempre resolve. É necessário que pais e professores demonstrem na prática o que é a veracidade, de maneira que a criança ouça sobre a veracidade (nível factual) e tenha um modelo para imitar a veracidade (nível relacional), alguém que ela admire e de quem receba boa influência mediante o relacionamento próximo.

O terceiro nível consiste em tornar concreto o discurso sobre o valor pretendido; consiste em personalizar o assunto em discussão. No caso da veracidade, o nosso exemplo aqui citado, pais ou professores devem colocar a criança ou estudante numa situação que imite a realidade a fim de que haja uma postura em relação a não mentir e sempre dizer a verdade. São úteis exemplos do tipo: “Você mentiria para seu pai sobre sua nota vermelha em matemática? Por que?”; “Vale a pena mentir para ganhar dinheiro? Por quê?”



3.3. A idade e o ensino de valores

De acordo com LEWIS (2001, p. 127-128), as crianças pequenas (até cinco ou seis anos de idade) ainda não aprenderam a noção de certo ou errado; elas obedecem por medo das conseqüências ou para agradar os pais. O raciocínio ou discurso ético ainda não tem muita influência.

Mais ou menos a partir dos sete anos de idade, a criança já possui uma consciência moral em amadurecimento, de maneira que é capaz de julgar suas acções e as acções dos outros através de um padrão interno de moralidade. Nessa idade, a criança obedece não apenas pela motivação de agradar pais e professores; ela obedece porque isso é correto e lhe traz felicidade pessoal.

Aproximadamente a partir dos 11 anos de idade a consciência moral está bem desenvolvida, permitindo aos pais e professores um diálogo mais abstracto e sólido sobre valores. O juvenil está preparado para identificar as motivações por trás dos actos.

3.4. Conclusão parcial

Nesta última parte vimos que se aprendem valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados, observando-os nas pessoas e até pela recusa. Observamos rapidamente que o ensino-aprendizagem de valores normalmente envolve três níveis de instrução: o factual, o relacional e o pessoal. Finalmente, vimos que o aprendizado de valores começa pela heteronomia (os outros são o padrão de valor da pessoa), chegando à autonomia (a pessoa forma o seu padrão de valores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste ensaio vimos que os valores são qualidades abstratas que determinam o comportamento humano. Afirmou-se que há três modelos possíveis que a educação pode adotar nesta temática dos valores: Valores absolutos, valores relativos e construção racional e autônoma de valores. Foi também afirmado que os valores podem ser classificados em valores úteis, vitais, lógicos, hedônicos, estéticos, éticos e religiosos.



Na segunda parte tratei de dois tipos de propostas de valores a serem ensinados: os que se fundamentam em idéias não cristãs, e os que se baseiam em idéias claramente cristãs. Ambos os tipos têm por objetivo formar cidadãos responsáveis, que saibam conviver bem consigo mesmos e com a sociedade.

Finalmente, aprendemos valores vivendo num ambiente onde esses valores são apreciados, observando-os nas pessoas e até pela recusa deles. Também foi dito que o ensino-aprendizagem de valores envolve três níveis de instrução: o factual, o relacional e o pessoal, cada um deles relacionado com a idade da pessoa.

Este espaço é pequeno para poder abordar questões relevantes que surgem em função desta pesquisa embrionária, como por exemplo: Qual é o papel da Escola na transmissão de valores? Qual é o papel do professor na transmissão de valores? Existe um perfil apropriado para a postura do professor na transmissão de valores? Se a educação humanista, não cristã, preocupa-se em transmitir valores aos estudantes, qual então a diferença da educação cristã?

Essas e outras questões são fundamentais na educação escolar, e podem até servir de motivação para trabalhos posteriores. Todavia, ainda devo afirmar o seguinte: existe uma preocupação crescente – pelo menos na literatura – com a educação em valores. Isto é um bom sinal, pois demonstra que educar apenas a mente não é suficiente. Precisamos educar o estudante plenamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. Competência e Sensibilidade Solidária: Educar Para a Esperança. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUXARRAIS, Maria Rosa. La Formación del Profesorado en Educación en Valores. Propuesta y Materiales. Bilbao, España: Desclée de Brouwer, 1997.

CAMPOS, Victoria. O Que se Deve Ensinar aos Filhos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



CHALITA, Gabriel. Os Dez Mandamentos da Ética. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003a.

Pedagogia do Amor: A Contribuição das Histórias Universais Para a Formação de Valores das Novas Gerações. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2003b.

LEWIS, Paul. 40 Princípios na Formação da Criança: Um Manual Prático Para Pais e Professores. São Paulo: Vida, 2001.

MACHADO, Nilson José. Educação: Projetos e Valores. 3ª ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

MARQUES, Ramiro. O Livro das Virtudes de Sempre: Ética Para Professores. São Paulo: Landy, 2001.

PATRÍCIO, M. F. Curso de Axiologia Educacional. Évora: Universidade Évora, 1991.

SILVA, Sônia Aparecida Ignacio. Valores em Educação. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

YUS, Rafael. Educação Integral: Uma Educação Holística Para o Século XXI. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.



O PODER DOS CONTOS INFANTIS

Os contos ajudam as crianças, preservando-as de um precoce e insano realismo de fachada. Como escreveram os irmãos Grimm "os contos nutrem de modo imediato como o leite, leves e agradáveis, ou como o mel, doces e nutrientes, sem peso da consciência terrestre"

Património precioso de todas as culturas, os contos infantis passaram de geração em geração, desde a noite dos tempos... Por mais transformações, adaptações e até mesmo deformações que tenham sofrido, durante a sua longa viagem, mantêm inalterado o fulcro vital das mensagens que transmitem, falando connosco de forma contemporânea, exactamente como o fizeram com as crianças e os homens do passado.

Nos últimos anos, multiplicaram-se os estudos e as pesquisas sobre o poder **curativo dos contos infantis, especialmente em relação às crianças**. Na realidade, trata-se de uma "terapia" antiga como o homem, que nasce com a **necessidade humana de exprimir** e reelaborar, através da criação de um mundo de fantasia, o que a pura racionalidade não consegue compreender ou justificar.

Na forma clássica do conto, que inicia com a apresentação de um mundo perfeito do qual o protagonista é expulso, a criança reflecte a própria inquietação: o medo do abandono, a rivalidade com os irmãos, o sentimento de ser inadequado...

Depois, entram as "máscaras do mal": personagens de fantasia que representam **sentimentos negativos, tais como**, a avareza, a ambição, a maldade, a falsidade ou a cobardia.

O herói está só, abandonado e perdido. Mas quando parece que as forças do mal o estão a vencer, renasce a esperança e chegam as forças do bem!... Também neste caso, encontramos seres pequenos, humildes e pouco deslumbrantes, mas corajosos, leais e prontos para o sacrifício. Graças a eles, o herói consegue transformar a situação e vencer o mal.

Esta estrutura, impregnada de valores morais, faz com que a criança se identifique, completamente, nas vivências das personagens, pois através delas, sente o medo e o sofrimento do herói como sendo os seus: o conto permite-lhe **dar um nome a estes**



sentimentos e permite-lhe manifestar as emoções que a eles estão ligadas. Sofrendo com os seus heróis preferidos, aprende que os obstáculos, as dúvidas, o medo e até mesmo a dor, fazem parte integrante da vida e que a tarefa dos homens é enfrentá-los, interpretá-los e ultrapassá-los.

Alguns pais (e também alguns pedagogos) preocupam-se com a “violência”, existente nalguns contos infantis: a morte do dragão, a bruxa que é queimada, o lobo ao qual se enche a barriga de pedras. Preocupam-se porque pensam que o conto justifica de forma implícita o “fazer sofrer” destas personagens que, para a criança são tão reais como as outras, ou seja, a princesa ou o coelhinho. Na realidade, a sorte mais terrível está reservada às **máscaras do mal**, o que tem um valor libertatório. É errado deslocar a questão para um plano realístico: o lobo não é o lobo que a criança encontra no jardim zoológico, o lobo é o mal e como tal deve ser vencido. Neste aspecto, reside a **força moral dos contos infantis**.

Sem dúvida, que os pais devem aprender a não criar ambiguidade e a não deixar dúvidas. Um bom leitor conhece bem o seu público, ou seja, os pais deverão saber se a criança é mais sensível a certos aspectos, conhecendo a sua fragilidade e, por isso, sabendo acompanhá-la com pulso firme, dando à própria voz a entoação certa e deixar-se, por seu lado, conquistar pela **atitude de espanto adequada**.

In: <http://www.prenatal.pt/criancas/o-bem-estar/harmonia/o-poder-dos-contos-infantis.htm>



Dicionário de Valores

(Infopédia)

afecto

amizade

autodisciplina

civismo

confiança

disciplina

honestidade

integridade

íntegro

justiça

lealdade

liberdade

partilha

preocupação (pelos outros)

respeito

responsabilidade

responsável

solidariedade

solidário

tolerância

valores



afecto

- afecto n., adj. sentimento de apego e (...)

afecto: forma do verbo afectar

afecto

nome masculino

1. sentimento de apego e ternura; afeição
2. amizade
3. amor
4. carinho
5. inclinação

adjectivo

1. afeiçoado; dedicado
2. destinado
3. ligado; dependente

(Do lat. affectu-, «afeição; ternura»)

amizade

nome feminino

1. afeição por uma pessoa; estima, simpatia
2. camaradagem, companheirismo, cumplicidade
3. entendimento, compreensão
4. dedicação, bondade
5. pessoa amiga

(Do lat. amicitáte-, «id.»)



autodisciplina

nome feminino

1. disciplina mantida por si próprio ou pelos próprios membros de um grupo
2. capacidade de se disciplinar

(De auto-+disciplina)

civismo

nome masculino

1. dedicação pelo interesse público
2. comportamento demonstrativo de respeito pelos valores da sociedade e pelas suas instituições

(Do fr. civisme, «id.»)

confiança

nome feminino

1. segurança íntima ou convicção do próprio valor
 2. segurança de alguém que crê em alguém ou alguma coisa; certeza
 3. crédito
 4. ânimo
 5. popular ousadia; atrevimento
 6. popular familiaridade;
- abuso de confiança atitude abusiva tomada em virtude da posição ou situação que se ocupa;
- dar confiança permitir certa familiaridade;
- ir à confiança ter segurança, ter certeza;
- tomar/ganhar confiança familiarizar-se, adquirir à-vontade

(Do fr. confiance, «id.»)



disciplina

- disciplina n. conjunto de regras ou (...)

disciplina: forma do verbo disciplinar

disciplina

nome feminino

1. conjunto de regras ou ordens que regem o comportamento de uma pessoa ou colectividade
2. observância das regras; obediência
3. capacidade de controlar um determinado comportamento de forma a respeitar regras ou conseguir resultados
4. conjunto de conhecimentos específicos que se ensinam em cada cadeira de um estabelecimento escolar
5. autoridade
6. castigo; mortificação
7. [plural] correias para açoitar

(Do lat. disciplina-, «id.»)

honestidade

nome feminino

1. qualidade do que age com rectidão, de acordo com a verdade, seriedade, probidade
2. característica daquele que é sincero, e em quem se pode confiar, lealdade
3. antiquado decoro, compostura, recato, modéstia

(Do lat. *honestitáte-, por honestáte-, «id.»)



integridade

nome feminino

1. estado do que não sofreu quebra ou modificação; totalidade
2. qualidade do que é íntegro
3. figurado rectidão; honradez; honestidade; probidade

(Do lat. *integritate*-, «id.»)

íntegro ['íntegro]

adjectivo

1. íntegro, integral, inteiro, completo, intactoAO
2. íntegro, probó, retodAO, incorruptívelAO

justiça

- justiça n. virtude moral que inspira (...)

justiça: forma do verbo justificar

justiça

nome feminino

1. virtude moral que inspira o respeito pelos direitos de cada pessoa e a atribuição do que é devido a cada um; equidade
2. conformidade com o direito estabelecido
3. poder de aplicar as leis; poder judicial
4. aplicação das leis para solucionar litígios, julgar causas ou atribuir sanções
5. conjunto de pessoas, instituições e serviços que definem a organização do poder judicial
6. conjunto dos magistrados; a magistratura



7. alegoria que representa a imparcialidade da aplicação do direito, constituída por uma mulher de olhos vendados com uma balança numa mão e uma espada na outra

8. popular funcionários de um tribunal;

justiça comutativa justiça que preside às trocas e consiste na igualdade de valor das coisas trocadas;

justiça distributiva justiça que preside à distribuição ou repartição dos bens e dos encargos, consoante a qualidade das pessoas;

justiça pública direito de acção judicial;

justiça social virtude que consiste em respeitar os direitos, quer naturais, quer positivos, que uma sociedade bem organizada deve reconhecer aos seus membros;

popular justiça de Fafe forma violenta de resolver desacordos;

com justiça de maneira justa e imparcial;

dizer de sua justiça dizer o que se pensa, alegar em favor de si próprio;

em boa justiça segundo o que é devido;

fazer justiça por suas mãos castigar sem recorrer aos poderes competentes

(Do lat. *justitìa*-, «justiça»)

lealdade

nome feminino

qualidade de leal; fidelidade; sinceridade

(Do lat. *legalitáte*-, «id.»)



liberdade

nome feminino

1. condição do ser que pode agir livremente, isto é, consoante as leis da sua natureza (queda livre), da sua fantasia (tempo livre), da sua vontade (decisão livre)
2. poder ou direito de agir sem coerção ou impedimento (liberdade de execução ou de acção)
3. poder de se determinar a si mesmo, em plena consciência e após reflexão, e independentemente das forças interiores de ordem racional (liberdade de decisão)
4. livre arbítrio
5. poder de agir sem motivo (liberdade de indiferença)
6. personificação das ideias liberais
7. tolerância
8. licença, autorização
9. figurado ousadia; atrevimento; familiaridade demasiada
10. figurado franqueza
11. [plural] regalias; imunidades;

liberdade de consciência direito de professar as opiniões religiosas e políticas que se julgarem verdadeiras;

liberdade individual garantia que todos os cidadãos têm de não serem impedidos do exercício dos seus direitos, excepto nos casos determinados pela lei;

LITERATURA liberdade poética uso de figuras e alterações morfológicas e sintácticas em poesia

(Do lat. libertáte-, «id.»)



partilha

nome feminino

1. acto ou efeito de partilhar
2. divisão em partes e distribuição de qualquer coisa
3. acto destinado a fazer cessar a indivisão de um património
4. divisão dos bens de uma herança
5. sentimento de identificação com a maneira de pensar e/ou sentir existente entre duas ou mais pessoas

(Do lat. particula-, dim. de parte-, «parte»)

preocupação (pelos outros)

nome feminino

1. acto ou efeito de preocupar ou de se preocupar
2. inquietação; cuidado; apreensão
3. desassossego
4. ideia fixa
5. opinião antecipada; prevenção

(Do lat. praeoccupatióne-, «ocupação prévia»)

respeito

- respeito n. acto ou efeito de (...)

respeito: forma do verbo respeitar

respeito

nome masculino

1. acto ou efeito de respeitar
2. consideração; apreço
3. deferência; acatamento; veneração
4. homenagem; culto
5. temor; receio



6. relação; referência

7. aspecto; ponto de vista

8. [plural] cumprimentos;

a respeito de/com respeito a relativamente a;

conter em respeito manter a distância, não deixar aproximar-se;

de respeito notável;

dizer respeito a ter relação com, referir-se a;

faltar ao respeito a ser descortês com, ser inconveniente com;

por respeito a em atenção a

(Do lat. respectu-, «id.»)

responsabilidade

nome feminino

1. qualidade de quem é responsável

2. obrigação de responder por actos próprios ou alheios, ou por uma coisa confiada;

responsabilidade civil carácter daquele que deve, por força da lei, reparar os prejuízos feitos a outrem;

responsabilidade limitada refere-se a certas sociedades em que os sócios só são responsáveis pelo capital com que entram;

responsabilidade penal carácter daquele que, por força da lei, pode ser punido pelas suas contravenções, pelos seus delitos ou pelos seus crimes;

chamar (alguém) à responsabilidade chamar alguém para dar conta dos seus actos

(Do fr. responsabilité, «id.»)



responsável

adjectivo uniforme

1. que tem consciência dos seus actos; consciente
2. que é causador de determinado acontecimento
3. que assume a responsabilidade; que se responsabiliza

nome 2 géneros

1. pessoa que age com um conhecimento e uma liberdade suficientes para que os seus actos possam ser considerados como seus e deva responder por eles
2. fiador
3. pessoa cujo papel dentro de um grupo o habilita a tomar decisões
4. pessoa causadora de determinado acontecimento
5. pessoa culpada

(Do fr. responsable, «id.»)

solidariedade

nome feminino

1. qualidade de solidário
2. responsabilidade recíproca entre elementos de um grupo social, profissional, etc.
3. sentimento de partilha do sofrimento alheio
4. sentimento que leva a prestar auxílio a alguém
5. adesão ou apoio a uma causa, a um movimento ou a um princípio

(De solidário+-idade)



solidário

adjectivo

1. diz-se das partes ou elementos de um todo que são interdependentes
2. que liga coisas ou pessoas
3. que partilha, com outros, direitos ou obrigações contratuais
4. que se encontra com outros numa interdependência de interesses
5. que aderiu a uma causa, a um princípio ou a um movimento
6. que partilha o sofrimento de alguém
7. que presta auxílio a alguém

(Do fr. *solidaire*, «id.»)

tolerância

nome feminino

1. acto ou efeito de tolerar
 2. acto de admitir sem reacção agressiva ou defensiva
 3. atitude que consiste em deixar aos outros a liberdade de exprimirem opiniões divergentes e de actuarem em conformidade com tais opiniões; aceitação
 4. disposição ou tendência para perdoar erros ou falhas; condescendência, indulgência
 5. autorização, permissão, licença
- (...)

(Do lat. *tolerantia*-, «id.»)

In: <http://www.infopedia.pt/>



Valores

Existem valores que são, absolutamente essenciais a um relacionamento social equilibrado. Estes passam pelo respeito, honestidade e solidariedade para com os outros. Na maioria das vezes, estes valores são “património” das famílias, que os passam de gerações, e fazem parte da educação que dão aos seus filhos, netos, bisnetos, etc.

CARAVELA, Nuno Miguel - Família. In: Enciclopédia Pré-escolar. Setúbal: Marina, 2005. 5 vol.

Valores

Os valores são princípios que nos parecem importantes para organizarmos a nossa vida. A tolerância, por exemplo, é um valor.

Viver em sociedade - trad. e adapt. De Cristina Soeiro; ed. lit. Rogério Moreira. Sintra: Marus, 2002. 76 p. : il. (Enciclopédia Larousse dos 6/9 anos).



SITES INTERESSANTES

Educar em valores – Ramiro Marques

www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/EDUCAR%20EM%20VALORES.pdf

Pintar o futuro...

www.meninosrabinos.com/Faco_la/main_prj_educativo.htm

Ensinar literatura, promover valores – uma proposta de leitura de A Maior Flor do Mundo, de José Saramago

www.exedrajournal.com/docs/02/12-Isabeldelgado.pdf



BIBLIOGRAFIA SOBRE O TEMA DISPONÍVEL NA REDE MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS

Alberoni, Francesco - **Valores**. 2ª ed. Venda Nova : Bertrand, 1994. 217 p. (Ensaios e documentos ; 8). ISBN 972250844X

(BM Pinhal Novo)

Alberoni, Francesco - **Valores**. Trad. Maria Carlota Álvares da Guerra. Lisboa : Círculo de Leitores, 2002. 142 p. ISBN 9724226565

(BM Quinta do Anjo)

ÁMEN, Daniel G. - **O manual de instruções que deveria vir com seu filho**. Trad. de Júlia Bárány. São Paulo : Mercuryo, 2005. 164 p. ISBN 85-7272-206-8

(BM Palmela)

Andrade, Júlio Vaz de - **Os valores na formação pessoal e social**. Lisboa : Texto, 1992 . - 112 p. (Educação hoje). ISBN 972-47-0365-7

(BM Pinhal Novo ; Palmela)

A sociedade em busca de valores : para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Jean-Michel Besnier... [et al.] ; org. Isabelle Albaret. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. 264 p. (Epistemologia e sociedade ; 85). ISBN 9727710239

(BM Pinhal Novo)

Atitudes e valores no ensino. Felipe Trilho...[et al.]. Lisboa : Instituto Piaget, D. L. 2000. 305 p. (Horizontes pedagógicos ; 75). ISBN 972-771-350-5

(BM Pinhal Novo e Quinta do Anjo)

BLOOM, Poppy - **Tudo sobre a amizade**. Il. John Blackman; trad. Rita Brandão. Mafra : Círculo de Leitores, imp. 2002. 130 p. : il. p & b. ISBN 9724227170

(BM Pinhal Novo ; Quinta do Anjo ; Poceirão ; Palmela ; Marateca)



BENNETT, William J. - **O livro das virtudes para crianças**. Il. Michael Hague. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1997. 112 p. : il. ISBN 8520908381

(BM Palmela ; Pinhal Novo)

Boudon, Raymond - **O justo e o verdadeiro : estudos sobre a objectividade dos valores e do conhecimento**. Lisboa : Instituto Piaget, 1998. 426 p. (Epistemologia e sociedade ; 86). ISBN 9727710352

(BM Pinhal Novo)

Curwin, Richard L. - **Como fomentar os valores individuais**. Geri Curwin. Lisboa : Plátano, DL. 1993. 112 p. : foto. ISBN 972-707-085-X

(BM Pinhal Novo)

DUCAMP, Jean-Louis - **A amizade explicada às crianças**. Trad. e adapt. de João Silva Saraiva. Lisboa : Terramar, 1998. 86 p. : p & b. (Caminhos da liberdade; 6). ISBN 9727102123

(BM Pinhal Novo ; Quinta do Anjo ; Poceirão ; Palmela ; Marateca)

Eu não sou diferente : um livro sobre deficiências físicas. Barbara Seuling ; ilustrado por Pat Schories ; tradução de Isabel Patrícia ; revisão e adaptação á língua portuguesa por Isabel Barbosa e Martins da Rocha. Porto : Desabrochar, D.L. 1987. Pag. inúm. : il. color. (Aprender a viver ; 4).

(BM Palmela)

Família. In: **Enciclopédia pré-escolar**. Nuno Miguel Caravela. Setúbal : Marina, 2005. Vol. 5. 64, [2] p.: il. ISBN 9728528868

(BM Palmela)

GUIBERT, Françoise de - **O meu primeiro larousse dos o que é?** Tradução [de] Maria Vasconcelos ; ilustrações [de] Jacques Azam... [et al.]. [Porto] : Campo das Letras, 2007. 160 p. : il. color. (O meu primeiro Larousse ; 9). ISBN 989-625-090-1

(BM Palmela)



HONRADO, Alexandre - **O amor contado aos jovens... e aos outros**. Il. de André Letria. Lisboa : Terramar, 2000. 114 p. : p & b. - (Caminhos da liberdade; 9). ISBN 9727102719

(BM Pinhal Novo ; Marateca ; Palmela)

Isso não é justo! : um livro sobre a rivalidade entre irmãos. Barbara Shook Hazen ; ilustrado por Carolyn Bracken ; tradução de Isabel Patrícia ; revisão e adaptação á língua portuguesa por Isabel Barbosa e Martins da Rocha. Porto : Desabrochar, D.L. 1987. [25] p. : il. color. (Aprender a viver ; 2).

(BM Palmela)

MACHADO, Ana Maria - **O tesouro das virtudes para crianças**. Il. Thais Quintella de Linhares. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999. 92 p. : il. ISBN 8520909728

(BM Palmela ; Pinhal Novo)

MACHADO, Ana Maria - **O tesouro das virtudes para crianças 2**. Il. Thais Quintella de Linhares. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000. 104 p. : il. ISBN 8520910645

(BM Palmela ; Pinhal Novo)

MARQUES, Ramiro - **Valores éticos e cidadania na escola**. Lisboa : Presença, 2003. 140 p. (Ensinar e aprender ; 24). ISBN 972-23-2977-4

(BM Pinhal Novo e Palmela)

MARQUES, Ramiro - **Ensinar valores: teorias e modelos**. Porto : Porto Editora, 1998. 126 p. (Escola e saberes ; 13). ISBN 972-0-34413-X

(BM Pinhal Novo)

MARQUES, Ramiro - **Escola, currículo e valores**. Lisboa : Livros Horizonte, 1997. (Biblioteca do educador ; 133). ISBN 972-24-0996-4

(BM Pinhal Novo ; Palmela)

O meu dicionário da língua portuguesa. Coord. Bernardo Barrosa. 3ª ed. Maia : Nova Gaia, 1997. 736 p. ISBN 9727121470

(BM Palmela ; Pinhal Novo)



Modos de agir e pensar. Trad. de Cristina Soeiro. [S.l.] : Marus, 1998. 87, [1] p. : il. (A minha primeira biblioteca). ISBN 9727301312

(BM Pinhal Novo ; Quinta do Anjo ; Poceirão ; Palmela ; Marateca)

MOSES, Brian - **Tenho inveja.** Il. Mike Gordon ; tradução de José Oliveira. Lisboa : Caminho, 1994. 32 p. : il. (As minhas emoções; 3). ISBN 9722109456

(BM Pinhal Novo; Poceirão ; Palmela ; Marateca)

NOLTE, Dorothy Law - **As crianças aprendem o que vivem : como inculcar valores aos seus filhos.** Rachel Harris ; trad. de Alexandra Vieira ; rev. de texto Sandra Pereira. Lisboa : Bizâncio, 2005. 253 p. ISBN 972-53-0261-3

(BM Palmela)

PARSLEY, Bonnie M. - **A escolha é tua : um guia para adolescentes sobre descoberta pessoal, relações, valores e desenvolvimento espiritual.** Pref. de M. Scott Peck ; trad. Rita Quintela ; rev. [de] Carla Nunes. Porto : Público Comunicação Social, 2003. 166 p. (Xis livros para pensar ; 12). ISBN 989-555-046-4

(BM Palmela)

PARSLEY, Bonnie M. - **A escolha é tua : um guia para adolescentes sobre descoberta pessoal, relações, valores e desenvolvimento espiritual.** Trad. Rita Quintela. Cascais : Sinais de Fogo, 2002. 212 p. ISBN 9728541325

(BM Pinhal Novo)

PEDRO, Ana Paula - **Percursos de uma educação em valores : influências e estratégias.** Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 330 p. (Textos universitários de ciências sociais e humanas). ISBN 972-31-0949-2

(BM Palmela e Pinhal Novo)

PÉTIGNY, Aline de - **Camila e os seus amigos.** Il. Nancy Delvaux ; tradução e adaptação de José António Almeida Alves. 3ª ed. Porto : Asa, 2005. [20] p. : il. color. (Camila ; 9). ISBN 9724135446

(BM Pinhal Novo ; Palmela)



PÉTIGNY, Aline de - **Camila porta-se mal**. Il. Nancy Delvaux ; tradução e adaptação de José António Almeida Alves. 2ª ed. Porto: Asa, 2005. [20] p. : il. color. - (Camila ; 12). ISBN 9724136566

(BM Pinhal Novo ; Palmela)

PIRES, Maria Isabel Valente - **Os valores na família e na escola : educar para a vida**. Prefácio de Teresa Ambrósio. Lisboa : Celta, 2007. 144 p. - (Educação e desenvolvimento ; 1). ISBN 9789727742394

(BM Pinhal Novo)

SÉMELIN, Jacques - **A não-violência explicada às minhas filhas**. Trad. de Catarina Rocha Lima. Lisboa : Livros do Brasil, 2002. 64 p. : p & b. (Explicado a ; 1) ISBN 9723818116

(BM Pinhal Novo ; Quinta do Anjo ; Poceirão ; Palmela ; Marateca)

Sociedade, valores culturais e desenvolvimento. Coord. Teresa Patrício Gouveia. 1ª ed. Lisboa : Dom Quixote, 1993. 223 p. : quadros. (Nova enciclopédia; 42). ISBN 972-20-1060-3

(BM Pinhal Novo)

SOEIRO, Cristina - **Viver em sociedade**. Trad. e adapt. de Cristina Soeiro ; ed. lit. Rogério Moreira. Sintra : Marus, 2002. 76 p. : il. (Enciclopédia Larousse dos 6/9 anos) ISBN 9727302602

(BM Pinhal Novo ; Poceirão ; Quinta do Anjo ; Palmela)

TROMELLINI, Pina - **Os caminhos para a vida : ainda é possível transmitir valores a um filho?** Trad. Teresa Serrano. Barcarena : Presença, 2003. 110 p. (Orientações ; 16). ISBN 9722330195

(BM Pinhal Novo e Quinta do Anjo)

VALADIER, Paul - **A anarquia dos valores : será o relativismo fatal?** Lisboa : Instituto Piaget, dep. leg. 1998. 212 p. (Epistemologia e sociedade ; 93). ISBN 9727710514

(BM Pinhal Novo)



Valores para a convivência [Registo vídeo]. Setúbal : Marina, 2003. 3 cassetes (VHS) + 1 guia do educador : color.

Vol. 1: Aprende a ter ; Como se comportar na escola.

Vol. 2: Honestidade ; Para que servem os amigos.

Vol. 3: Amizade ; As virtudes da justiça.

Maiores de 4 anos ; Falado em português.

(BM Pinhal Novo)

VÁZQUEZ FREIRE, Miguel - **Valores sociais**. Fotografia [de] Xulio Gil Rodríguez. Setúbal : Marina, D.L. 2007. 53, [2] p. : il. color. (Saber para crescer). ISBN 9789896340162

(BM Pinhal Novo e Palmela)

Viver em sociedade : as diferenças. Trad. por Ema Rodrigues. Vila Nova de Gaia : Gailivro, cop. 2005. 64 p. (Guia do pequeno cidadão). ISBN 9895571755

(BM Palmela ; Pinhal Novo)



COLEÇÃO MILLY E MOLLY (BM Palmela)

O primeiro dia de escola / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . -
[Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 1). ISBN 9895009682
(Aceitação da diferença ; Preocupação com os outros e superação da dor ; Ser amável e
não incomodar ; Cuidado e consideração)

Vamos passear o Bobi / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . -
[Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 2). ISBN 9895009690
(Responsabilidade ; Apeço pela natureza ; Protecção do meio ambiente ; Precaução)

O Henrique é o Henrique / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . -
[Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 3). ISBN 9895009704
(Aceitação de si mesmo ; Cortesia ; Respeito pela natureza ; Sabedoria)

O avô 6ª Feira / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . - [Setúbal] :
Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 4). ISBN 9895009712
(Compaixão ; Aprender a perdoar ; Fidelidade ; Diligência)

A tia Odete aprende a tricotar / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira
. - [Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 5). ISBN 9895009720
(Tenacidade ; Valorizar a diferença ; Amabilidade ; Honestidade)

O presente de Natal / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . -
[Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 6). ISBN 9895009739
(Amor ; Aceitação da diversidade das famílias ; Coragem e determinação ; Gratidão)

Sal e pimenta / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . - [Setúbal] :
Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 7). ISBN 9895009747
(Confiança ; Cuidado com o meio ambiente ; Partilha de sentimentos ; Cooperação)



Frente ao televisor / Gill Pittar ; il. por Cris Morrell ; trad. Teresa Figueira . -
[Setúbal] : Marina, imp. 2004 . - 96, [1] p. : il. - (Milly Molly ; 8). ISBN 9895009755
(Exercício físico ; Pontualidade ; Sentido do valor ; Valorizar a auto-estima dos outros)